

## **TRANSCRIÇÃO ENSAIOS CONTEMPORÂNEOS GRUPO CENA 11**

**00:00:30:25 – ABERTURA**

**00:00:50:02 – VIDEOGRAFISMO**  
**ENSAIOS CONTEMPORÂNEOS – GRUPO CENA 11**

**00:00:53:18 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:01:23:03 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

O que eu tô fazendo com eles, na verdade é tentar trabalhar com ferramentas mais sólidas que eu tenho desenvolvido junto ao Cena 11 nos últimos seis, sete anos, porque a gente tem cinco semanas e eu não tenho o costume de criar uma obra em cinco semanas.

**00:01:38:27 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:01:41:29 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

Vamos começar pelos trios. Vamos fazer os trios até o som sair antes das linhas. Vamos começar com um aquecimento preenchendo as forças, e sem movimentar. Após reagirmos a essas forças com algum movimento, procuraremos um ponto de estabilização passo a passo como um origami japonês.

**00:02:08:14 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:02:22:09 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

Tem sempre uma pergunta relacionada a como que você cria, se o bailarino dá algum material, se não dá material. Eu acho que é impossível um bailarino não dar material.

**00:02:32:17 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:02:37:25 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

Então acredito que do modo como você viu, por exemplo, hoje o que eu tava trabalhando com eles lá na maré, é que a gente tem que se encontrar todo mundo em um sistema que, particularmente, eu começo propondo, mas que ele tem que se articular com aquelas pessoas que estão respondendo a ele.

**00:02:54:09 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:03:11:25 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

Ok! Ontem nós fizemos muito melhor nossa sincronia. Vamos começar por esta parte até que todos façam a modelagem no solo. Tentem alongar o espaço e se conectar uns aos outros. Com máscaras, caminhadas, quebrando também essa parte quando acelerarmos. Não se esqueçam da cabeça e da suavidade da variação do rosto. Prestando bastante atenção em seus olhos, interna e externamente. Vocês têm muita coisa pra ouvir, mas poucas coisas pra

pensar. A partir disto, linhas, forças opostas, caminhadas isoladas, modelagem, som... Não, caminhadas isoladas, murmúrios, modelagem, mascaras, som externo, interno e modelagem com todos.

**00:04:08:16 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:04:10:13 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

Hoje foi o meu último dia lá, o que vocês puderam ver foi o recorte da estrutura final da peça, que chama: "Schismo - Dance protocol for invisible presences".

**00:04:25:25 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

Pra mim foi um grande desafio, no sentido de que eu sou um coreógrafo que trabalha e se formou em conjunto com uma companhia que é o grupo Cena 11, então a minha história e a do Cena 11 está muito fundidas nesse sentido. Então eu só tenho as ferramentas que eu tenho hoje porque eu pude trabalhar em continuidade com um grupo e com várias pessoas que passaram por esse elenco, que fizeram viável essa... Não só essa continuidade, como esse mergulho, e não só esse mergulho, mas como esses desvios a partir do mergulho. Então a gente não tem uma formulação de dança que quer se replicar em um sucesso garantido por aquilo que já conquistou, justamente porque a gente quer poder pesquisar. E a gente vem desenvolvendo isso há muito tempo, a gente já começou com a companhia em 1993.

**00:05:12:05 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:05:29:27 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

Comecei a dançar com 12 anos, eu tenho 45, então eu tenho duas vezes mais de vida do que eu tenho sem dança. Eu não tenho como separar eu da dança porque é como separar homem de ambiente.

**00:05:43:05 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:05:50:28 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

Só que eu não sou a dança de uma maneira fechada, eu sou a dança pra poder mudar; e nessa mudança, poder continuar. Então, não sei como separar e nem essa relação com o Cena 11, que também comecei a dirigir o Cena 11 com 22 anos.

**00:06:05:18 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:06:48:29 – KARIN SERAFIN – ASSISTENTE DE DIREÇÃO**

Cara, o Alejandro, eu conheço o Alejandro desde que eu tinha 14 anos. Quando eu comecei a dançar eu já conhecia o Alejandro, ele já dançava. A gente morava no mesmo bairro, estudava no mesmo colégio. O Alejandro é minha família. Eu até ano passado dancei, eu tive uma lesão, eu agora tô mais envolvida com a produção do que eu tava antes, e com assistência de direção quando o Alejandro não tá, eu tenho toda essa parte, então parece que a vida tá me levando pra esse lado. Eu tinha um plano de parar de dançar, de o "Protocolo Elefante" ser o último espetáculo com a companhia e aí o mundo disse: "Não, você só vai dançar uma vez e acabou", então nesse momento eu não estou bailarina.

**00:07:35:23 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:07:43:16 – KARIN SERAFIN – ASSISTENTE DE DIREÇÃO**

O Cena 11, ele teve duas etapas, vamos dizer assim. Lá nos anos 80, ele era um grupo de academia, uma academia que chamava "Ro Dança", na época que a Rosângela era dona da academia, e ela queria criar um grupo de dança da academia; e na época ela tinha 11 pessoas pra trabalhar e ela deu o nome "Grupo Cena 11". Eu entrei no Cena 11, eu acho que foi em 88, alguma coisa assim, eu era uma adolescente também, foi depois de eu me apaixonar pelo jazz. "95" foi o primeiro espetáculo que essa organização teve deste grupo Cena 11, que aí coreografado pelo Alejandro e dirigido pelo Alejandro.

**00:08:26:12 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:09:08:06 – KARIN SERAFIN – ASSISTENTE DE DIREÇÃO**

A gente foi construindo uma companhia de dança, mesmo sem saber que a gente tava fazendo isso. A gente não tinha em Florianópolis, nem em Santa Catarina nenhum modelo, então a gente construiu os próprios cenários, a gente fazia tudo. A gente tinha o Grupo Corpo como assim, "Olha, aquilo é uma companhia profissional", a gente pegava os programas, olhava, mas era... Gente, um bando de garotos de 20 anos tentando fazer dança, a gente queria dançar e a gente criou nossa própria dança pra poder dançar. Podemos?

**00:09:38:06 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:10:17:09 – KARIN SERAFIN – ASSISTENTE DE DIREÇÃO**

Agora ficou melhor o mix da boca com o bastão, veja bem. Mas presta atenção de não ficar circulando muito depois que começar a bater e priorizar o som se estabelecer pra depois começar a circular. Depois o som do bastão fica grande, mas no começo pra ele crescer, tipo, bateu, não fez som, bate de novo. Mas a mensagem da voz com o bastão tá melhor.

**00:10:40:19 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:10:51:05 – HEDRA ROCKENBACH – AMBIENTAÇÃO CÊNICA SONORA**

Eu, na verdade, fazia arquitetura e dentro da arquitetura tinha uma banda de blues que a gente tocava em barzinho à noite, daí o Alejandro meu viu cantando e marcou uma reunião comigo e falou "Ah, tô remontando um espetáculo e tô precisando de uma cantora".

**00:11:07:23 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:11:17:01 – HEDRA ROCKENBACH – AMBIENTAÇÃO CÊNICA SONORA**

Como eu fazia arquitetura, eu também comecei a ficar nas montagens, aí tava ali de cantora, mas já queria saber como é que funcionavam as coisas, como que acendia aquela luzinha aqui, como é que montava, ajudava a montar, adorava ficar no teatro. E aí assim eu comecei.

**00:11:31:28 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:11:46:03 – KARIN SERAFIN – ASSISTENTE DE DIREÇÃO**

Tem como passar a queda do bastão da Aline, que ela estava pedindo? É, a queda do teu bastão, flor.

**00:11:59:16 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:12:01:12 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

Então trilha, palavras, som, movimento, luz, cenário, tava tudo envolvido num lugar só. A gente era bastante coeso com essas ações porque tudo nos interessava da mesma forma. Mas aí tinha isso, que dança é essa que sai ali no meio? Não adianta ter tudo isso e a dança ser igual qualquer outra dança.

**00:12:20:00 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:12:36:17 – NAYSE LÓPEZ – JORNALISTA E CURADORA**

Existe esse momento em que o Alejandro surge com uma explosão. Era uma companhia que parecia um... Ao mesmo tempo era meio um freak show.

**00:12:46:22 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

Era uma galera muito estranha assim.

**00:12:48:09 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:12:53:09 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

A gente sempre teve uma influência do punk, no sentido do "faça você mesmo" e da simplicidade pra ganhar força.

**00:13:00:24 – NAYSE LÓPEZ – JORNALISTA E CURADORA**

Então, esse lugar do estranho transformado em belo, o "Violência" instaura esse lugar, que é uma maluquice, que é um espetáculo que você olhava na época e falava: "que que essas pessoas...?", eram... Aquelas pessoas vestidas como se fossem monstros de videogame, basicamente. Com umas extensões dentárias, com extensões corporais, e assim, se matando de dançar. Era uma dança muito violenta, sempre foi muito violenta. Assim, é um marco pra qualquer pessoa que conhece dança brasileira. O "Violência" era uma coisa que ninguém conseguia se relacionar com aquilo, era muito impressionante.

**00:13:36:08 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**01:14:05:02 – VINHETA – ESTAMOS APRESENTANDO**

**01:14:20:08 – VINHETA – VOLTAMOS A APRESENTAR**

**01:14:25:19 - IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:14:43:08 – MARIANA ROMAGNANI – BAILARINA E ASSISTENTE DE CRIAÇÃO**

Eu pratiquei ginástica olímpica durante a minha infância, dos 10 aos 15 anos, mais ou menos.

**01:14:49:27 - IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:15:00:24 – MARIANA ROMAGNANI – BAILARINA E ASSISTENTE DE CRIAÇÃO**

Aos 18, eu tinha acabado de fazer vestibular e eu tinha assistido "Violência". E eu, jovem assistindo aquilo, fiquei muito impactada como espectadora mesmo, de perceber e sentir que o que tava acontecendo no palco, de alguma forma, também acontecia no meu corpo, mesmo estando sentada numa cadeira, e eu tipo... Me afetava diretamente por aquilo que tava acontecendo e ao mesmo tempo, pelo meu histórico de prática corporal, me via projetada também lá dentro mesmo, como uma vontade de fazer parte daquilo, do outro lado.

**00:15:40:14 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:15:44:22 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

Eu acho que no "Violência", de 2000, foi onde surgiram, onde se materializaram essas quedas que a gente faz de corpo inteiro, essa ideia de você fazer algo com o seu corpo aqui e modificar a sensação de espectador.

**00:16:00:17 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:16:10:11 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

Dentro disso, a gente acabou desenvolvendo um conceito de corpo pra gente, que a gente chamou de corpo vudu, que é como se o bailarino fosse um boneco vudu, as agulhas fossem os movimentos e o objeto do feitiço fosse o corpo do espectador.

**00:16:21:28 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:16:43:22 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

Quando a gente criou a queda, naturalmente ela se transformou. Todo mundo quer ver, mesmo agora. "Pô, mostra aí", tipo, a pessoa fica em pé assim e cai inteira, todo mundo quer ver um negócio desse.

**00:16:54:02 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:17:01:19 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

Só que isso não pode ser a resposta pra absolutamente tudo. Porque por que se chega nesse lugar? Foi lá no "Violência" em função de uma ideia de violentação da percepção. Isso se transforma num conceito de corpo e enquanto conceito de corpo, ele é um conceito vivo, então ele precisa se replicar em outros ambientes pra se manter vivo.

**00:17:20:22 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:17:28:07 – NAYSE LÓPEZ – JORNALISTA E CURADORA**

Então, de um desenho coreográfico muito claro no começo, foi evoluindo pra essas coreografias em que o interesse do Alejandro era científico sobre como o corpo reage ao comando. Então, no meio da carreira do Cena 11 tem toda a pesquisa que gerou o "Skinnerbox".

**00:17:44:26 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:18:21:29 – HEDRA ROCKENBACH – AMBIENTAÇÃO CÊNICA SONORA**

O "Skinnerbox" operava ao vivo, mas com esse esquema dos dois CDs, fazia algumas mixagens ao vivo. O "Skinnerbox", ainda, o meu material de origem era analógico, então eu gravava instrumentos ainda, agora eu já uso sint e o início da produção já é dentro do computador.

**00:18:42:23 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:18:47:29 – HEDRA ROCKENBACH – AMBIENTAÇÃO CÊNICA SONORA**

Mas já tinha essa intenção de recortar ao vivo e interferir nessa orquestração ao vivo, assim.

**00:18:54:22 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:19:12:12 – LÍGIA TOURINHO – ARTISTA DO MOVIMENTO**

Outros aspectos importantes do Cena 11 são um tipo de relação com a tecnologia, um tipo de relação com a técnica. O Alejandro no seu trabalho, ele faz dramaturgia com o corpo do bailarino, com o objeto e com a tecnologia, então aquela dança se faz naquele híbrido.

**00:19:37:28 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:19:46:16 – LÍGIA TOURINHO – ARTISTA DO MOVIMENTO**

Tem uma maneira de lidar com o objeto que traz um pouco esse corpo robô, esse corpo estendido, que o Cena 11 propõe uma série de espetáculos.

**00:19:58:07 – SILVIA SOTER – PROFESSORA E PESQUISADORA EM DANÇA**

Essa ideia dos apoios desses seres que era, que tinham um certo... As órteses, outros suportes que invertem a mobilidade, que invertem o deslocamento. O jogo, por exemplo, videogames, esse corpo que é manipulado de fora.

**00:20:14:02 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:20:32:18 – HEDRA ROCKENBACH – AMBIENTAÇÃO CÊNICA SONORA**

Então as coisas elas são construídas e desconstruídas através desses corpos, e aí nascem esses objetos como extensão ou não.

**00:20:40:00 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:20:45:14 – HEDRA ROCKENBACH – AMBIENTAÇÃO CÊNICA SONORA**

Daí esses objetos, eles vão moldando as coisas que vão sendo feitas, é muito essas trocas assim. Mas tem vários exemplos de coisas que, por exemplo, a gente ensaia numa academia e aí tinha um tijolinho de madeira no canto que todo mundo usava. Você sempre, tipo: "Ah, ali na sala do Yoga, tem um negocinho, um bastão que vai se formando. "Ah, vamos comprar um bastão mais assim". Mas geralmente é alguma coisa que já está ali, ou se repete. Os bastões, eles são do "skinner box" que estavam lá, sei lá, estavam lá há 15 anos esperando pra serem reusados no "Protocolo".

**00:21:25:25 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:21:54:11 – NAYSE LÓPEZ – JORNALISTA E CURADORA**

O que aconteceu do "Violência", por exemplo, até hoje, nesses 20 anos, foi que gradativamente o Cena 11 foi ficando mais apurado no sentido de precisar de menos coisas para acontecer. E aí, a partir do "skinner box", vai pra uma outra parte do trabalho do Cena 11 que é um trabalho mais interessado nas relações entre as pessoas. São trabalhos sobre confiança, sobre como que nós juntos podemos criar uma coisa que não estava lá.

**00:22:24:25 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:22:40:01 – KARIN SERAFIN – ASSISTENTE DE DIREÇÃO**

star junto todo dia, pesquisar e investigar é importante para o Cena 11, para o trabalho que a gente faz, que é perceptível. Que quando eu dou uma oficina, a gente percebe o quanto de tempo que a gente tem fazendo aquilo. O que parece natural pra gente, normal, e que é desestabilizado todo dia, questionado todo dia. Pra alguém que tá chegando agora é super novo.

**00:23:05:12 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:23:24:03 – KARIN SERAFIN – ASSISTENTE DE DIREÇÃO**

Começa com o som que não muda, aí muda nele. Através dele, dá uma viajada nesse 3D, nesse que desloca o espaço, encontra o amigo. Pode subir? E a gente continua dentro da independência. Suspende esse dedo aí. Usa o vetor da interindependência pra sair do espaço. Mas tem uma coisa que a gente fala muito desde sempre, que é a quebra de vetor. Não quebrar o vetor. E tu fez isso? Mudou a direção sem quebrar o vetor, porque tu fez isso, tu usou o vetor pra mudar a direção.

**00:24:07:14 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:24:12:19 – KARIN SERAFIN – ASSISTENTE DE DIREÇÃO**

A gente já passou por muita experiência sobre como gente nova entra na companhia. A gente já fez a coisa mais comum, que é abrir uma audição, agora a gente tem uma oficina aqui. As últimas pessoas que entraram foi assim: a gente abre um período do ano e a gente chama algumas pessoas pra conviver com a gente, a gente fica olhando aquela pessoa e a pessoa olha a gente também. Porque uma coisa é ver a gente no palco, uma coisa é estar no dia a dia e saber se realmente é aquilo que você quer pra sua vida, porque não é uma vida fácil, não é uma vida de acertos e erros. "Ah, acertei, tô feliz, o espaço tá bom". Não, é todo dia estar procurando alguma coisa.

**00:25:53:17 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:24:58:00 – KARIN SERAFIN – ASSISTENTE DE DIREÇÃO**

Então eu acho que a gente pode conversar um pouco porque já tá no tempo e esse exercício mata a pessoa, esse exercício do pulso, né? Então eu acho que a gente deu uma boa passada pela nossa pesquisa a partir do "Carta", nesses três dias curtos, né? Mas o que a gente vem trabalhando sobre emergência, coerência, ritual, interdependência, tem a situação

coreográfica, que não chega mais, porque a gente precisa de nomes para dizer o que a gente está fazendo. Então, situação coreográfica foi o nome que a gente achou. Tipo, composição generativa foi outro nome que a gente achou. A gente está compartilhando com vocês o que a gente está pesquisando, e é muito legal pra gente também ver, porque a gente se vê todo dia, né? São os mesmos corpos. Ver isso em outros corpos, né? Porque isso abre também as nossas possibilidades de enxergar o nosso próprio trabalho. Isso é muito legal...

**00:25:57:26 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:26:16:05 – KARIN SERAFIN – ASSISTENTE DE DIREÇÃO**

Eu posso sinalizar dois espetáculos que eu acho importantes, que é o "Violência" e o "Carta de amor inimigo" quando surge o que a gente chama de situação coreográfica, de composição generativa, que é onde a coreografia não acontece mais. O que a gente faz, a gente opera sobre parâmetros e as cenas, os territórios são construídos na hora que eles estão sendo feitos, e eu acho que, pra quem vê, também consegue perceber isso, né? Que dança é essa onde eu não consigo me agarrar a nada?

**01:26:51:08 - IMAGENS GRUPO CENA 11**

**01:27:06:12 – VINHETA – ESTAMOS APRESENTANDO**

**01:27:21:15 – VINHETA – VOLTAMOS A APRESENTAR**

**01:27:26:22 - IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:27:40:18 – MARIANA ROMAGNANI – BAILARINA E ASSISTENTE DE CRIAÇÃO**

O que é mais fundamental é que o que a gente faz não existe sem o público. Não existe, não faz sentido se não for no contato com o mundo. Mas de alguma forma no Cine, isso era muito radicalizado, porque as ações eram simples, eram andar, fazer linhas. Chamava assim: ações integradas de consentimento para ocupação e resistência. Ele acontecia em um retângulo em que os performers e a plateia dividiam o mesmo espaço e a estrutura da dramaturgia inteira do trabalho, ela era uma série de regras que a gente tinha, mas a gente nunca tinha como saber 100% o que acontecia, porque isso dependia da maneira como a plateia iria responder às informações que estavam sendo construídas no espaço, e a informação era construída junto.

**01:28:37:09 - IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:28:40:15 – MARIANA ROMAGNANI – BAILARINA E ASSISTENTE DE CRIAÇÃO**

E cada sessão era tão diferente uma da outra - e no ensaio a gente tá pensando em todas essas possibilidades fictícias, né? Será que pode alguém te agredir? Será que pode alguém agir de tal forma? Será que pode alguém agir de outra forma?

**01:28:57:15 - IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:27:40:18 – MARIANA ROMAGNANI – BAILARINA E ASSISTENTE DE CRIAÇÃO**

E talvez essa tenha sido a experiência radical de ser afetado pelo o que está acontecendo no espaço. Não ter nunca certeza absoluta. A gente sabe o que que é o trabalho, a gente conhece



o que é o trabalho, a gente vai do começo ao fim sabendo tudo isso, mas ao mesmo tempo, também ter em mente que a gente nunca sabe 100%, nem o que ele é, nem o que vai acontecer.

**00:29:40:06 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:30:19:05 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

Quando você sai de um lugar onde você está trabalhando e você se expõe a uma outra realidade, é natural que você expanda a suas definições sobre o lugar de onde você veio.

**00:30:29:21 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

Preenchem o espaço, vejam o que acontece. Uma coisa para ajudar a desmascarar. Conectem os calcanhares com a força que vai até os calcanhares no chão com o movimento das mãos. Deste modo. Isso, você toca e depois solta. Porque às vezes você vira e os braços caem sozinhos. Isso não é legal. É preciso encontrar a conexão do musculo em um circuito para trazer as mãos com a conexão da coluna vertebral, mas a partir dos calcanhares. Sinta o que acontece na coreografia.

**00:31:16:28 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:31:30:26 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

É difícil isso o que você assistiram hoje, por exemplo. Quando vocês forem ver o "Protocolo Elefante", pensar em como se dirige esse tipo de dança, porque a gente trabalha com acionamentos remotos da ação, e ao mesmo tempo em que tem que haver uma precisão estética e específica para que isso não pareça uma catarse qualquer, um embriagamento tipo: "Ah, uh!" Mas é justamente essa falta de controle com você trazer aquilo de volta, como se fosse um surfe mesmo de uma frequência sonora, é algo que a gente pretende, desde o começo, encontrar no movimento.

**00:32:06:17 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

Ok. Prestem atenção ao seu abdômen. Isso mesmo, é importante encontrar um modo, isso. Isso, você controla isso e encontra uma maneira de as forças que se formam dentro de vocês saírem. Entenderam o que é a minha conexão com o ambiente de fora? Tocando e fazer tudo isso é visível. É algo que se torna coeso. Você, a parede, o movimento. Precisamos encontrar uma conexão com o ambiente aqui. Se mexer e não conseguir uma precisão que não é qualquer coisa. Não um movimento confuso, não é como um momento de loucura. Ou seja, do centro para o exterior e do exterior para o centro. Muito bem, fiquem aí. Podemos... Todos podem fazer assim, mas também... E deixa ficar... Não apenas para um lado. Se quiserem pender para um lado, tudo bem, mas deve haver uma simetria. A fim de enviar a energia para todas as partes do corpo. Isso, essa simetria é muito importante. Paramos e vamos até o meio para colocar isto... Agora e depois.

**00:33:52:17 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

E o trânsito que a gente tem é um trânsito de autoridade via função, não é um trânsito de autoridade via hierarquia de poder. Ou seja, enquanto diretor, a minha última palavra. Eu

tenho a minha gestão da maneira que eu tenho responsabilidade para ter. Eu tenho que ter total abertura pra ter contra argumentos disso, para que seja rico, vivo o suficiente para a gente poder crescer juntos e que o trabalho, que é algo onde a gente se encontra, não é nem eu, nem você, nem ele. É isso aqui, é a obra.

#### **00:34:21:23 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

#### **00:35:08:12 – KARIN SERAFIN – ASSISTENTE DE DIREÇÃO**

O tipo de trabalho que o Cena 11 faz, ele só é possível porque a gente tem um elenco fixo que trabalha todo dia. E a gente trabalhando no dia a dia, a gente começa a ter novas perguntas que caberão no próximo espetáculo. Então nunca parece que a ideia surge da novidade. As perguntas estão lá dentro e elas são trazidas todo dia, as pessoas se encontram e aquilo vai se transformando e vai dando origem a novos questionamentos que fazem parte de um novo espetáculo, né? Que o "Protocolo Elefante" é o que a gente está trabalhando agora.

#### **00:35:42:05 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

#### **00:35:51:00 – KARIN SERAFIN – ASSISTENTE DE DIREÇÃO**

No Cena 11 sempre foi assim: o Alejandro chega com um nome. O nome vem primeiro, o nome do espetáculo.

#### **00:36:00:25 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

O nome vem desse mito, desse fato do elefante quando não consegue mais acompanhar o bando... Aliás, quando vai morrer, se afasta do bando. Pra gente, a gente está chamando o "Protocolo Elefante" de um réquiem nascimento. É como se fosse um réquiem pra renascer de novo. Renascer no sentido da nossa própria dança, renascer no sentido da história que está incorporada no nosso corpo, muitas pessoas que passaram por lá. Pra mim, por isso que eu falei, o "Protocolo Elefante" ele pretende ser um ritual que tencione a pergunta "por que continuar e para quê continuar?" Então acho que ele é um... Ele é réquiem e ele é nascimento nesse sentido.

#### **00:36:39:17 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**MULHER:** Por favor, desliguem seus celulares e bom espetáculo.

**HOMEM:** O teatro SESC Ginástico tem o prazer de apresentar nesse mês de maio o projeto "Entre dança", em sua terceira edição. Dos dias 11 a 14 de maio, grupo Cena 11 com o espetáculo "Protocolo Elefante".

**MULHER:** E aí, gente? Já desligaram os celulares?

#### **01:37:45:11 – VINHETA – ESTAMOS APRESENTANDO**

#### **01:38:00:14 – VINHETA – VOLTAMOS A APRESENTAR**

#### **01:38:06:07 - IMAGENS GRUPO CENA 11**

#### **00:38:27:10 – MARIANA ROMAGNANI – BAILARINA E ASSISTENTE DE CRIAÇÃO**

O "Protocolo elefante" surgiu de uma necessidade muito grande de pensar por que afinal e pra que afinal a gente continua fazendo o que a gente faz, trabalhando com dança, trabalhando

com arte. Porque tudo diz que não, que “vocês deviam parar”, que “o que vocês tão fazendo não vai pra lugar nenhum”, só que a gente não quer acreditar tanto assim no dinheiro.

**00:38:57:28 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:39:45:02 – NAYSE LÓPEZ – JORNALISTA E CURADORA**

E o “Protocolo elefante” é uma ironia com a morte, assim os elefantes, tem uma hora que vão pra um lugar morrer. E como a companhia todo ano morre, porque não tem apoio, aí “vai acabar”, não acaba; “vai acabar”, não acaba. E, nessa de morrer, já estamos há 20 anos.

**00:39:59:22 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:40:44:29 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

A obra em si, ela faz parte de um projeto muito maior e que a gente dividiu ele em algumas instâncias. Uma era o autorretrato, da gente pra gente mesmo; a outra a gente chamou de "Espelho", que é chamar esses três artistas, Wagner Schwartz, Michele Moreira, Eduardo Fukushima, um pouco pra responderem junto com a gente quem somos nós, através do olhar do outro; depois, um isolamento individual dos dez integrantes da companhia por 15 dias, simultaneamente, pra voltar em um reencontro no teatro e sei lá fazer o quê. Várias pessoas foram pra lugares diferentes. Depois houveram as residências, pra que a gente estivesse novamente juntos, tentando criar a obra em si.

**00:41:21:21 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:41:26:28 – HEDRA ROCKENBACH – AMBIENTAÇÃO CÊNICA SONORA**

Cada um teve a possibilidade de pensar o que lhe colocaria em risco de alguma forma, algum grau de risco. Pra mim, eu me sentiria isolada em um monte de gente. Aí eu comecei com isso: “pô, um monte de gente; eu sou super tímida; pra onde eu vou? pra onde eu vou?”. Minha ideia inicial era ir pro México. E aí na Cidade do México eu tinha essa rotina de acordar às 10 da manhã, saía de manhã, conversava com todo mundo possível na rua e aí, no outro dia de manhã, acordava às 10 da manhã e, assim, fazia amizade, amizade, amizade. É uma coisa que você vai construindo devagarzinho e aí quando você vê aquilo te modificou de uma forma super intensa.

**00:42:07:20 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:42:29:13 – HEDRA ROCKENBACH – AMBIENTAÇÃO CÊNICA SONORA**

Eu considero o som parte do espaço também e a gente trabalha com o que eu chamo de ambiência cênico-sonora; então é uma coisa só. Na verdade eu uso a luz dentro do software de som, então as coisas estão linkadas dessa forma. Eu considero que eu faço estar dançando junto com eles.

**00:42:46:19 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:43:19:02 – NAYSE LÓPEZ – JORNALISTA E CURADORA**

O “Protocolo elefante” pega elementos de todas as peças praticamente e recombina com esse pensamento atual muito algoritmo, muito generativo. Então também é uma coreografia que

tem marcações muito claras, quase estatuárias assim. Tem momentos da peça que são bem ritualísticos. É uma peça ritual nesse sentido, porque é uma peça que vai instaurando estados de transe, ao mesmo tempo que é uma peça super dependente, num grau muito sofisticado, do que os bailarinos decidirem fazer.

**00:43:53:16 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

Ele depende muito do acionamento da consciência dos performers pra que ele possa acontecer na vibração com o público de alguma forma potente.

**00:44:03:10 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:44:32:07 – NAYSE LÓPEZ – JORNALISTA E CURADORA**

É uma peça que acontece igualmente no palco e na plateia. Então esse sentimento de que o que tá acontecendo ali é um ritual que envolve todos nós e eu acho que é uma certa amarração, eu acho, de tudo isso que vem acontecendo com o Cena 11 nos últimos anos e o fato de ser uma companhia que sobrevive contra a adversidade do país, é uma companhia que nunca cedeu a um apelo de se tornar mais comercial, se tornar mais simples pra viajar, ele nunca se deu.

**00:45:06:06 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:45:32:28 – LÍGIA TOURINHO – ARTISTA DO MOVIMENTO**

O Cena 11, ele tem importâncias na cena brasileira. A importância da permanência e da resistência de permanecer enquanto grupo, em si, já é algo assim que merece um destaque. E a dança, ela é uma arte que ela só se faz na permanência. Outro aspecto importante do Cena 11 é que ele sai desse eixo que a gente estabelece, que é um eixo Rio-São Paulo.

**00:46:04:06 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:46:09:14 – SILVIA SOTER – PROFESSORA E PESQUISADORA EM DANÇA**

E ele tá lá, o Alejandro e a sua equipe, há muitos anos, há 25 anos, em Florianópolis, em um outro contexto, criando seus modos de produção, contaminando aquele espaço e ao mesmo tempo garantindo com que essa dança se renove também naquele lugar.

**00:46:27:021 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:46:45:29 – KARIN SERAFIN – ASSISTENTE DE DIREÇÃO**

Uma companhia como o Cena 11, com a trajetória que a gente tem, ele só consegue existir se a gente tem apoio pra manutenção da companhia, porque às vezes não se entende, porque os financiamentos geralmente são pra espetáculos, pra produtos; e sem uma companhia, sem uma pesquisa, a gente não tem esses espetáculos.

**00:47:05:13 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

**00:47:17:12 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

E acho que é uma marca, vamos dizer assim melhor, de que algo precisa mudar, tá mudando e tem que mudar na gente, em função da nossa própria ideia de sustentabilidade, como que

uma companhia se dá, como que uma companhia se mantém junto, como que um grupo de pessoas mantém juntos uma ideia, um cultivo específico e que, nos dias de hoje, ele é completamente oprimido pra que você tenha, na maioria do tempo, uma ideia de que você não precisa existir. É um supérfluo assim, “pra que fazer isso?”.

#### **01:47:52:17 - IMAGENS GRUPO CENA 11**

##### **00:48:36:07 – MARIANA ROMAGNANI – BAILARINA E ASSISTENTE DE CRIAÇÃO**

O processo de criação, por si só, ele é sempre mais amplo do que aquilo que tá só aqui no palco. E tudo que a gente atravessou durante esse processo também é “Protocolo elefante”; ter feito as trocas com os artistas que a gente fez também é “Protocolo elefante”; ter se isolado individualmente e separadamente por 15 dias e passar por contextos e situações super diferentes pra cada um também é “Protocolo elefante”. Isso tudo reverbera não só na nossa criação, mas também no mundo que a gente habita e nas pessoas que a gente é. Então os processos de criação, em última instância, são sempre processos de criação de si mesmo, de auto invenção, de invenção do grupo Cena 11.

#### **00:49:26:17 – IMAGENS GRUPO CENA 11**

##### **00:49:37:19 – ALEJANDRO AHMED – DIRETOR E COREÓGRAFO**

E esse modo de dançar você tem que cultivar todo dia. O que a gente chama de cultivo, e não chama de treino, que é tá todo dia lá regando a plantinha, é pra manter a coisa viva, não é pra aprimorar e alcançar o seu máximo como se a evolução não é progresso. Então, nesse sentido, aprimoramento pode ser uma palavra muito perigosa. Eu prefiro cultivo do que aprimoramento.

#### **01:50:03:06 - IMAGENS GRUPO CENA 11**

##### **01:50:30:01 – CRÉDITOS FINAIS**